

A LINGUAGEM E AS ESTRUTURAS DE PODER: A Relação Universidade-Escola na Formação Política de Professores

Adriana de Almeida¹
Heloísa Josiele Santos Carreiro²

RESUMO

A linguagem escrita na universidade é frequentemente utilizada para a manutenção das estruturas de poder. Neste artigo pensamos a partir da teoria freiriana a potencialidade do trabalho com a linguagem pela via do texto em seus contextos nas dimensões micro e macropolíticas com a formação de professores. O objetivo do artigo é problematizar essas correlações de poder na relação entre universidade e escola e os possíveis espaços para a construção de inéditos viáveis na formação docente. A metodologia faz a revisão de literatura e a análise de duas atividades realizadas no curso de Graduação em Pedagogia no período do segundo semestre de 2023 e do primeiro semestre de 2024. Compreendemos que três ações são necessárias a partir desse estudo: a) refletir com os educadores os modos de dinamização das disciplinas; b) discutir com os estudantes as organizações de suas rotinas pessoais; c) pensar políticas institucionais/locais emergentes e lutar por políticas públicas em contextos mais ampliados que apoiem os educandos a terem melhores condições de estudo. Da análise da pesquisa constatamos que os educandos vêm ousando na produção escrita em diálogo com a teoria, a partir de atividades pedagogicamente planejadas, que articulam prática-teoria, por meio da linguagem oral e escrita.

Palavras-chave: formação de professores; linguagem; inéditos viáveis.

LANGUAGE AND POWER STRUCTURES: THE UNIVERSITY-SCHOOL RELATIONSHIP IN THE POLITICAL TRAINING OF TEACHERS

ABSTRACT

Written language at the University is often used to maintain power structures. Based on Freirean theory, this article discusses the potential of working with language through text within its context, considering micro and macro dimensions in teacher training. The objective of the article is to problematize these correlations of power in the relationship between university and school and the possible spaces for the construction of untested feasibilities/inéditos viáveis in teacher training. The methodology is based on literature review and analysis of two activities carried out in the undergraduate course in Pedagogy in the second semester of 2023 and in the first semester of 2024. Based on the results, we found that students have been daring in their writing, reflecting a dialogue with the theory, based on pedagogically planned activities in disciplines, which invited undergraduates to articulate practice-theory, through written language.

Keywords: teacher training; language; untested feasibilities.

LENGUAJE Y ESTRUCTURAS DE PODER: LA RELACIÓN UNIVERSIDAD-ESCUELA EN LA FORMACIÓN POLÍTICA DEL DOCENTE

RESUMEN

El lenguaje escrito en la Universidad es frecuentemente utilizado para mantener estructuras de poder, en este artículo consideramos, con base en la teoría freireana, el potencial del trabajo con el lenguaje vía texto en sus contextos en las dimensiones micro y macro políticas en la formación de docentes. El objetivo del artículo es problematizar estas correlaciones de poder en la relación entre universidad y escuela y los posibles espacios para la construcción de *inéditos-viáveis* en la formación docente. La metodología se basa en la revisión de la literatura y el análisis de dos actividades realizadas en la carrera de Pedagogía en el período del segundo semestre de 2023 y el primer semestre de 2024. A partir de los resultados, encontramos que los estudiantes se han atrevido en producción escrita en diálogo con la teoría, basada en actividades pedagógicamente planificadas en las disciplinas, que invitaron a los estudiantes a articular práctica-teoría, a través del lenguaje escrito.

Palabras clave: formación de profesores; idioma; novedades viables.

Submetido em: 9/4/2024

Aceito em: 10/2/2025

Publicado em: 23/4/2025

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4953-740X>

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2141-3352>

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é problematizar as estruturas de poder na relação entre universidade e escola e os espaços possíveis da construção de inéditos viáveis com a formação de futuros professores que atuarão nas escolas públicas de educação básica.

A pesquisa foi realizada a partir da revisão de literatura dos escritos do educador Paulo Freire e de outros autores contemporâneos que estudam a educação popular brasileira. Para uma investigação aprofundada das narrativas dos educadores, partimos da apreciação de duas atividades realizadas em duas turmas do 5º e do 7º período do curso de Pedagogia.

Tomamos como eixo de nossa análise um dos *campi* de uma universidade pública do Estado do Rio de Janeiro que está situada em uma região periférica da Baía de Guanabara, a partir do contato com estudantes dos cursos de Licenciatura. Em 2023, a partir do diagnóstico feito pelo Departamento de Educação dessa instituição pública, foi possível perceber as dificuldades dos estudantes com a linguagem escrita acadêmica, principalmente no momento da elaboração do trabalho de conclusão de curso. Os dados foram analisados pela equipe de educadores, a qual propôs uma série de ações para o enfrentamento dessa problemática e percepção da relação entre estudantes-universidade-ação docente-escola.

Situamos a linguagem nesse tempo-espaço ao compreender sua importância como possibilidade de pensarmos a existência humana e a relação entre universidade-escola por meio de uma ética libertadora (Freire, 2011).

Na experiência de formação inicial instituída pelo coletivo docente, assumimos a autonomia e autoria como desafios do ensino superior na busca por uma educação de qualidade, constituída por relações democráticas voltadas ao entendimento da profissionalidade fundamentada em uma formação política de professores.

Nossos estudos concentram-se no processo de globalização, o qual provoca o deslocamento dos sujeitos de seus territórios, seja por necessidade de sobrevivência, seja por questões culturais ou econômicas. A linguagem, nas atuais mudanças sociais, revela-se como um elemento importante na estrutura de poder dos espaços sociais e na busca por justiça social, portanto é necessário avançarmos em nossos questionamentos e reflexões acerca dos espaços de sistematização e compartilhamento de saberes e culturas. Rodrigues e Santos (2010, p. 102) pontuam que há uma tensão entre o local e o global, na qual são geradas reinterpretações e releituras sobre a dinâmica da ocupação do tempo e do espaço. Para as autoras, o global precisa ser apropriado localmente com a produção de novos significados, entretanto há uma cultura local de origem “que não pode nem deve ser ignorada, pasteurizada e suprimida”.

Convém questionarmos qual é a função social e política da linguagem nas estruturas de poder que permeiam a relação entre Universidade-Escola? Como lidar com a epistemologia produzida na Academia sobre a importância da linguagem nas áreas periféricas? Quais são os limites para não tornar subalterna a fala dos estudantes do curso de Licenciatura?

A problematização desses questionamentos pode contribuir para ações pedagógicas que rompam com a existência de uma força superior/poder à ação

dos sujeitos e que seria determinadora da formação inicial e, consequentemente, reprodução dessa postura nas escolas públicas.

A partir da obra “Pedagogia dos sonhos possíveis” de Paulo Freire, publicada em 2015, dialogamos com as práticas pedagógicas e sociais que colaboram na formação crítica e política de futuros pedagogos.

Freire (2015) intitulou a prática educativa libertadora como o inédito viável, ou seja, essa expressão versa sobre a história como possibilidade que decorre da própria consciência crítica do real e do enfrentamento das situações-limite que estão postas na vida social e pessoal. Situações essas que precisam ser enfrentadas e superadas.

Com essa compreensão, o inédito viável é uma prática de superação e quando os sujeitos conscientes superam essas situações-limite, “o inédito viável não é mais ele mesmo, mas a concretização dele no que ele tinha antes de inviável. A consciência crítica não apenas predispõe à mudança, mas assume a luta pela construção do inédito viável” (Freire, 2015, p. 44). Isso significa que aquilo que era constituído como um sonho utópico ou horizonte impossível é atingido por meio de uma prática libertadora, conhecida e vivida, mas que também é antes sonhada.

O sonho, para Freire, é um horizonte de possibilidade e quando é coletivo assume a postura de luta pela construção das condições para que ele aconteça, constituindo-se em um exercício crítico.

Nesse sentido, a educação superior a partir da dialética e do compromisso com a formação acadêmica-política dos professores, pode construir vínculos com os processos de emancipação humana e, assim, colaborar para a mudança das estruturas de poder que permeiam o processo de ensino e aprendizagem no universo acadêmico.

Este artigo apresenta três seções. A primeira dedica-se ao debate dos territórios a partir do poder local-global e as estruturas de poder na relação com a linguagem. Nesta seção, centralizamos nossas discussões correlacionando às narrativas das estudantes de Pedagogia em uma dinâmica que denominamos “cápsula do tempo”, em que as mulheres professoras escreveram seus sonhos e imagem de si como futuras profissionais da educação. Para essa discussão, as contribuições das obras de Paulo Freire são essenciais, pois entendemos que ao escrever sobre a profissionalidade da atuação do pedagogo, os educandos buscam refletir sobre a sua formação política e profissional para intervir na sua realidade e na de outrem.

A segunda seção descreve a metodologia da pesquisa e as questões urgentes de nosso tempo para pensar e efetivar na educação superior uma prática educativa libertadora que considere o pertencimento dos docentes ao território das periferias urbanas e suas condições para a mudança e tomada de decisão no protagonismo do exercício de suas práticas profissionais a partir da dimensão crítica e política da *práxis* pedagógica.

Já a terceira seção trata da linguagem e dos sonhos possíveis na Graduação com base em um roteiro de estudos. Das atividades, foi identificada a desenvoltura da oralidade dos educandos e o avanço da produção escrita a partir da reflexão e do debate realizado em sala de aula sobre textos previamente selecionados.

PODER LOCAL-GLOBAL E AS ESTRUTURAS DE PODER NA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE

As discussões acerca do poder local e do poder global são essenciais para pensarmos as estruturas de poder e como os estudos sobre linguagem situam-se nesse contexto. Partimos do pressuposto das representações de leitura e escrita de estudantes do curso de Pedagogia, buscando compreender o processo de descoberta de si e como vivenciam em suas práticas de leitura e de escrita sua relação com a cidade.

As atividades observadas correspondem a uma produção que não é neutra e relaciona-se, intimamente, com os lugares sociais daqueles que os produzem de acordo com os seus interesses. Paulo Freire (1980) destaca que as palavras, a linguagem do povo, são impregnadas de experiência vivida, portanto são decisivas e relevantes para a aprendizagem de novos contextos. Assim, é necessário que o trabalho educativo considere a liberdade e a crítica como modo de ser das pessoas. Nas palavras de Freire o processo requer a tomada de consciência, pois revela o início de uma postura de luta, em que “a compreensão desta pedagogia em sua dimensão prática, política ou social, requer, portanto, clareza quanto a este aspecto fundamental: a ideia da liberdade só adquire pela significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se” (Freire, 1980, p. 9).

A análise de Freire já denunciava o processo de transformação estrutural da sociedade brasileira a partir dos anos de 1930, em que a urbanização e industrialização ganharam força, acarretando milhares de migrações para as grandes cidades e acelerando a decadência da economia agrária, surgindo as classes populares urbanas. Vivia-se à época um regime oligárquico para controle do *status quo*:

A economia continua baseada, em larga medida, na grande propriedade e nos produtos de exportação, e o poder local e o regional dos grandes latifundiários é ainda hoje uma das bases decisivas de sustentação do poder nacional. Assiste-se à emergência política das classes populares urbanas, mas as rurais permanecem fora da história (Freire, 1980, p. 15).

A sua visão da dinâmica política da estrutura de poder social alertava para as questões entre o global e o local, além dos contínuos processos de exclusão de grande parte dos cidadãos brasileiros, a sua preocupação é fundamentalmente educativa e os educadores devem estar interessados no conhecimento e na transformação dessas estruturas.

Podemos pensar que a localidade se opõe à globalidade, porém também se confunde com ela. A essência e existência do mundo se dá nos lugares. O lugar, dialeticamente, é composto pelo eixo de sucessões, tempos externos e internos, na coexistência onde tudo se entrelaça nas noções e nas realidades de espaço e de tempo. É no local, composto por diversas pessoas e instituições, que vislumbramos posturas de solidariedade e conflito, base da vida em comum, pois cada qual exerce uma ação própria e a vida social se individualiza.

Santos (1978) define o conceito de espaço como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente por meio de uma estrutura de relações que se manifestam em processos e funções. Nesse sentido, o espaço é composto por um campo de forças, em que a formação é desigual:

[..] O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (Santos, 1978, p. 171).

Na visão de Santos (1978, p. 145), o espaço é uma estrutura social subordinada-subordinante e, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. Há, nesse aspecto, uma diferenciação entre território e espaço. Segundo o autor, a utilização do território pelo povo cria o espaço, apresentando alterações no decurso da História, o território antecede o espaço.

O território, delimitado por uma área, é constituído pelas relações de poder do Estado e envolve múltiplos atores nessa relação social. A delimitação do território pode ser irregular e mudar historicamente, assim como novas relações sociais de poder podem surgir de forma cada vez mais complexa.

Nesse todo dialético a política é territorialidade, ocorrendo uma contradição entre a relação com o lugar e a visão pragmática da cidade, em que ordens e ações condicionadas são constantemente enfatizadas determinando os espaços a serem ocupados e as regras de mobilidade pelo território.

Compreendemos que a formação universitária abre portas para o debate dos sentidos e significados dos tempos e espaços dos territórios e nos permite desvelar os silêncios e, também, articular formas de convívio entre a diversidade cultural das diferentes classes sociais e estabelecer novas práticas de vida social e afetiva.

A linguagem, nesse contexto, revela o poder da conjuntura e a nomeação do mundo. O entendimento desse cenário possibilita a reflexão dos significados e as formas de modificar o mundo. Desse modo, “a linguagem é o meio para atingir uma consciência crítica, a qual, por sua vez, é o meio de imaginar uma mudança e de fazer opções para realizar transformações ulteriores” (Freire, 2021, p. 17).

Na obra “A importância do ato de ler”, Freire (2003) afirma que a linguagem e a realidade estão integradas dinamicamente, em que a compreensão do texto é alcançada por meio da leitura crítica que apreende as relações entre texto e contexto. Nesse sentido, a atuação docente em qualquer relação pedagógica não significa a anulação da criatividade do outro em sua construção da linguagem escrita e na leitura dessa linguagem.

Cagliari (2002) aposta que a linguagem, como fato social, sobrevive por meio das convenções sociais que são admitidas para ela; para ele a escola usa e abusa da força da linguagem para demarcar o lugar de cada um na instituição e fora dela. Embora o objeto de estudo do autor seja como ocorre a alfabetização e a linguística, percebemos que há uma clara relação entre linguagem e poder. Essa relação de poder, por vezes, manifesta uma relação de opressão, uma autoridade hierárquica que se estabelece entre aquele que sabe e aquele que “não sabe”. Nessa situação, recorremos a Freire (2011, p. 46, grifos do autor) para demonstrar que:

Daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a ‘razão’ dessa situação, para que, através de uma situação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais.

A consciência da realização de opressão acontece na relação dialética entre subjetividade e objetividade. Na concepção freiriana, é pela via da solidariedade que o subjetivo se constituiu com o objetivo, uma unidade dialética, uma *práxis* autêntica. A *práxis*, todavia, “[...] é a reflexão e a ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (Freire, 2011, p. 52); essa superação requer a inserção crítica dos oprimidos nessa realidade opressora, objetivando-a e atuando sobre ela.

Para Lefebvre (1958), a *práxis* manifesta-se como totalidade e por isso “a análise da vida cotidiana envolve concepções e apreciações na escala da experiência social em geral” (Lefebvre, 1971, p. 28), implicando uma apropriação e compreensão imediata.

Destacamos uma das frases das estudantes do 7º período do curso ao pensar a escrita de si e sua perspectiva discente-docente:

Você não está sozinha. Hoje, essa frase aqueceu o meu coração e por isso escolhi esse formato de bilhete. Meu desejo é sair desse curso não só com fundamentos para uma prática docente de qualidade, mas também com esse olhar sensível que a professora teve ao me direcionar essa frase. Tenho esperança de formações para além das teorias. Para não ficar só nas minhas palavras e da professora, trago Paulo Freire: “e esperança do verbo esperar não é esperança e espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar e não desistir!” Que possamos estar sempre atentas aos movimentos da vida e buscar os melhores caminhos. Não podemos desistir na primeira, segunda, terceira dificuldade, não podemos desistir jamais (Estudante A-1, grifos das autoras).

A escrita dessa estudante nos recorda os “sonhos possíveis” de Paulo Freire, em que há uma busca contínua pela humanização, cuja concretização é um processo. Isso significa livrar-se das amarras de ordem política, econômica, social ou cultural. A prática educativa manifestada na escrita docente revela o seu caráter utópico, mas também as suas opções políticas, a questão do conhecimento e do “existenciar-se” (Freire, 2015, p. 6). Na visão de Freire, a escola não anula a ação política, mas é essencial no desenvolvimento da consciência crítica e esse movimento depende do poder transformador da linguagem.

No momento de incertezas políticas e curriculares que vivenciamos, é preciso que os professores compreendam esses olhares para além da sala de aula, apropriando-se das conjunturas e dos contextos nos quais os estudantes das licenciaturas se desenvolvem, analisando que forças externas e subjetivas orientam as suas ações e aspirações educativas. É conveniente nessa discussão avaliar os compromissos políticos que são estabelecidos, os projetos educativos e a relação com a prática pedagógica.

Segundo Rodrigues e Santos (2010, p. 105):

No contexto mundial em que se cruzam diferentes vozes e há o encontro de imensa diversidade, não se podem ignorar as ideias de Adorno acerca do que se espera da educação: estimular a ação intelectual pela autonomia do pensamento, formular currículos que contemplem as diferenças socioculturais e reconsiderar os significados das diferenças, para que estas não se convertam em desigualdade e injustiças.

Desse modo, a educação como prática social não se limita à vida privada do educador, mas é necessário o diálogo com as demais esferas e interesses sociais. A constituição da autonomia docente só é possível em uma dimensão coletiva.

Estamos abandonados aos julgamentos arbitrários dos outros, oscilando diariamente entre o desejo de ser amado e o medo da rejeição, tanto social quanto para produzir textos e a monografia. Essa qualificação desde sempre daqueles que não são “bons” parte de uma ótica reducionista. Imagina que as pessoas privadas do direito de pertencer ao espaço escolar sintam o apontamento ainda mais intensificado. Adentrar nesse mundo para aprender pode nos tirar da posição de olhar tudo pelo nosso ponto de vista e partir do princípio de ver o outro ao invés de somente olhar. Nessa disciplina, absorvo o máximo de conhecimentos possível e tento ser atravessada pelas vivências de outras pessoas (Estudante A-2, grifos das autoras).

Se quisermos construir uma noção de autonomia na qual o critério próprio, moral e intelectual, não signifique o solipsismo, a arbitrariedade ou o individualismo, a obrigação moral que entra na prática pedagógica deve buscar o contraste e a discussão pública dos princípios e das finalidades educativas e de sua realização.

Saio dessa disciplina com uma ótima visão do que seja a educação, quis adiantar essa disciplina como curiosidade até conhecer e acabei gostando e vendo como é importante trabalhar com esse público. Assim, desejo ainda mais compreender as relações que os alunos carregam enquanto sonhos e como podemos contribuir para fazê-los refletir sobre suas realidades. Essa disciplina me faz acreditar que a educação transforma vidas e é capaz de ir muito além da educação. Desejo aprender sempre mais! (Estudante A-3).

Tenho muitos sonhos: 1. Terminar a faculdade; 2. Entrar no mestrado; 3. Concluir o mestrado; 4. Entrar para o doutorado; 5. Concluir o doutorado; 6. Ser professora universitária; 7. Ter uma Harley. Meus sonhos são infinitos! (Estudante A-4).

Essas duas escritas acadêmicas, ancoradas em apostas curriculares e sonhos de atuação profissional, remetem a uma associação entre formação e utopia. A segunda escrita é enfática em determinar as suas aspirações acadêmicas em uma linha linear em nível de Pós-Graduação *stricto sensu*, e apenas ao final o desejo pessoal de conquista material é mencionado. Já a primeira situação menciona um contexto social a ser experimentado no exercício futuro da docência, em que a expectativa é conhecer o sonho do outro e auxiliar na consciência crítica da realidade, por vezes realidade vivida entre educação, trabalho e cidade.

Santos (1997), ao refletir sobre lugares e cultura, menciona que os espaços são representados por um conjunto infinito de situações, em que as relações, além de numerosas, são densas. Para ele, as grandes cidades são o lugar onde há mais mobilidade e encontros, também é permeada por uma anarquia que garante um maior número de deslocamentos, quando as relações interpessoais precisam ser mais intensas. Nesse movimento, há um coeficiente de racionalidade no qual há um mercado territorialmente demarcado que inviabiliza a vida cultural local, ocorrendo matrizes de trocas simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam.

Por uma via mais poética, outra estudante sintetiza a representação do semestre vivido em 2023:

Das memórias que trago comigo, lembro de tempos não tão antigos.
Quando minha mãe inventava comigo cantigas para cantar ao pé do ouvido.
Dessas memórias muito me lembro e busco nelas idealizar...
Um futuro mais possível pra gente rir, dançar e abraçar.
Nesse futuro, idealizo não só coisas que dão prazer,
e para isso no presente faço questão de aprender
Sobre práticas, leis e saberes que ao outro vão favorecer.
E nesses também aprendo para em breve realizar,
um sonho de resistência, que é ver jovens e adultos ao meu lado caminhar
Pelas estradas da universidade pública, onde é possível chegar.
Para esse semestre espero me enxergar nesse lugar de professora de gente
que tem todo tipo de realidade e que busca estar lado a lado de mais gente
que é livre pra sonhar.
Estou finalizando a graduação e nela busquei realizar
tudo que era possível no movimento de educar,
e me olhando bem agora busco finalizar da melhor maneira possível
para que em breve possa em sala de aula praticar (Estudante A-5).

A memória do passado e a integração com o presente percebidas no trecho destacado nos faz perceber a relação entre a educação e a clareza de ler o mundo como uma possibilidade de intervenção política, concepção freiriana apontada na obra “Pedagogia dos sonhos possíveis”.

No poema da estudante encontramos elementos importantes para o potencial de mudança que a ação docente traz para a prática didático-pedagógica e para a conquista de direitos fundamentais.

O papel que temos a desempenhar, no entanto, ainda é necessário e desafiador e precisa estar ancorado sobre as bases de perspectiva e história. Dizia Freire que a luta atual não necessariamente é sinônimo de mudança, “mas sem que haja essa luta, hoje, talvez, as gerações futuras tenham que lutar muito mais. A história não termina em nós: ela segue adiante” (2015, p. 58-59).

O último fragmento que trazemos à baila também é revestido pela veia da escrita poética:

Tecedeira da vida que começa desde cedo
Olhares coloridos que traçam a visão
O pensamento escondido se torna desespero
Por um simples medo do Não.
O tempo é o único capaz de mostrar
Que o tecer é um ato de formar morada
É criar força para resistir na própria voz,
A complexidade do tear está em nunca deixar
Que o outro esqueça de admirar sua jornada.
Espero que a disciplina contribua para o tear do meu complexo conhecimento,
para me tornar uma professora que pensa alto, para alcançar ainda mais lugares
(Estudante A-6).

Analisamos que a escrita acadêmica, influenciada pelos estudos do cotidiano escolar, frequentemente utiliza a palavra tear para se referir à consciência de si na prática docente. É importante destacar que os trechos selecionados dizem respeito

aos estudantes que estão finalizando o curso de Pedagogia; por um lado, sentem-se estimulados a atuarem de acordo com a sua formação e por outro lado revelam as incertezas de seu futuro e exercício da profissão.

Schreder e Frison (2024, p. 3) esclarecem que as relações humanas são atravessadas por significações e sentidos expressos em formas de linguagem variadas. Para as autoras, nesse universo de signos e palavras, “[...] as emoções e as expressões humanas são culturalmente significadas, de modo a serem passíveis de interpretação pelo outro humano”. O outro é um ser necessário para a constituição do eu de cada pessoa, pois as significações passam primeiro pelo outro e após são apropriadas pelo eu (Schreder; Frison, 2024, p. 3).

Nesse sentido, as situações vividas no cotidiano da universidade são permeadas por sentimentos, conhecimentos, afetos e pelo contexto social e cultural de cada estudante. Essa totalidade de mediações influencia o processo educativo e a relação desses estudantes com a linguagem oral e escrita e, por vezes, afeta o seu desenvolvimento profissional e a própria pesquisa e entendimento sobre a função política-social da educação.

UMA PESQUISA, UMA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A pesquisa parte da revisão de literatura, principalmente do acervo de Paulo Freire e sua interseção com os nossos objetivos. A leitura dos textos de Paulo Freire e outros autores contemporâneos nos auxiliam na análise do fenômeno estudado e nos permitiram abordar as perspectivas dos sujeitos envolvidos com a pesquisa. Lüdke e André (2015) afirmam que retomar as descobertas feitas durante um estudo com a literatura é essencial para que decisões mais seguras sejam tomadas. Para as autoras, a revisão de literatura direciona os nossos esforços e atenções para a coleta de dados e análise.

Em seguida, continuamos a análise de duas experiências docentes em duas turmas do curso de Pedagogia que tiveram como finalidade a escrita como vivência dentro dos muros da universidade e para além dele.

A relação entre a experiência universitária de formação inicial e a dimensão das periferias da cidade são visíveis quando os estudantes do 7º período do curso de Pedagogia escreveram sobre como se imaginavam professores e os seus projetos e sonhos a partir da conclusão do curso. A atividade, denominada pelo coletivo de estudantes do 2º semestre de 2022, chama-se “cápsula do tempo” e foi reproduzida em mais duas turmas do 7º período no ano de 2023. Selecionamos sete narrativas que tanto na escrita como na oralidade no momento da aula demonstravam a superação das situações-limite em que se encontravam antes de adentrar ao curso e que durante a realização das atividades mencionam os seus sonhos e a relação da universidade com a sua história de vida e a esperança de intervenção nos territórios após a conclusão da Graduação como possibilidades de construção de seus inéditos viáveis. O percurso teórico-metodológico de sistematização partiu do olhar sobre o vivido pelas estudantes, buscando correlacionar com a prática e as possibilidades de atuação docente, considerando as subjetividades e especificidades de suas vivências nos percursos

formativos e sociais entre o local e o global. Estudamos, durante as aulas da disciplina de Educação de Jovens e Adultos, os livros *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, ambos de Paulo Freire e escritos em momentos diferentes de sua trajetória a fim de percebermos a reflexão crítica do autor acerca do conceito de inédito viável. Consideramos no processo de sistematização a pluralidade das vozes e a diversidade de textos e contextos a partir do entendimento da linguagem escrita dentro de uma estrutura de poder nos territórios e na universidade.

Outra atividade que faz parte de nosso percurso metodológico foi realizada com duas turmas do 5º período do curso de Pedagogia em 2024, nas disciplinas obrigatórias de Educação Infantil e Alfabetização, cujo trabalho de sistematização das experiências formativas desenvolvidas deu-se por meio da interação de roteiro de estudos, dos textos trabalhados ao longo da disciplina.

MOBILIZAÇÃO DE ATOS-LIMITES EM TORNO DO ATO DE ESTUDAR E DA INTERAÇÃO COM A LINGUAGEM ESCRITA NA FORMAÇÃO POLÍTICA DE PROFESSORES

No contexto em que atuamos como *professoras-pesquisadoras* (Garcia, 2001) dialogamos com pessoas que interpretam e apostam que o curso de Pedagogia alberga a possibilidade de mudar suas trajetórias e histórias de vida. Muitos desses jovens e adultos são os primeiros de suas famílias a conquistar o direito de acesso ao ensino superior. Interpretamos que tal conquista é um anúncio para as pessoas que estão em seu entorno, que apesar dos desafios relacionados ao acesso e à permanência na universidade, esse é um sonho possível. Assim, a chegada à Graduação, para muitos grupos sociais oriundos das classes populares, se traduz como: um *ato-limite* e o enfrentamento de *situações-limite* de seus contextos sociais e do próprio contexto universitário, no exercício de criar *inéditos-viáveis* para tornar *sonhos possíveis* (Freire, 2015, 1981). Ou seja, diante de situações que parecem limitadoras, de forma individual e coletiva mobilizamos “astúcias” (Certeau, 1994), na teoria freiriana traduzida como atos-limites, para não deixar morrer o desejo de “ser mais” (Freire, 2015) para nós mesmos e para o mundo. Logo, tais atos-limites servem não apenas como estratégia de luta, para acessar o ensino superior, mas para manter-se nele, sobrevivendo às suas lógicas internas de exclusão.

Considerando o narrado, o Departamento de Educação (Dedu) de nossa instituição e seus docentes vêm tentando entender, mapear e pensar ações pedagógicas que reestruturam os espaços e as dinâmicas no ensino superior, com vistas a trabalhar algumas questões presentes na Graduação, mais especificamente em nosso curso de Pedagogia. Referimo-nos àquelas que se apresentam como *situações-limite* à permanência de nossos educandos na universidade e a integralização do curso em período próximo ao planejado. Nas conversas entre educadores e coordenação do curso identificamos que dois são os desafios mais fortes para essa integralização: a) oferta de disciplinas eletivas obrigatórias para as turmas do curso noturno, que é um problema administrativo-institucional e b) elaboração da escrita monográfica, que afeta tanto o turno da manhã como o da noite, entendido por nós como um problema de ordem pedagógica, que precisa ser trabalhado com os estudantes, não apenas no momento da produção de suas monografias, mas ao longo de toda trajetória formativa no curso.

Nas duas últimas reuniões mensais do Dedu em 2023, entendemos que seria importante articular um pouco mais o trabalho que desenvolvemos. Decidimos fazer isso com algumas leituras em comum, ou seja, trabalhar com algum autor ou obra que seria dinamizado por diferentes professores. Outra decisão foi de pensar de forma mais sistemática exercícios de aproximação dos estudantes com a prática de escrita acadêmica, apostando que esses movimentos poderiam nos ajudar a compor um trabalho mais articulado, enquanto apoiamos nossos graduandos em atividades envolvendo a linguagem escrita, facilitando a fruição de suas monografias.

Diante do exposto, os professores pertencentes ao núcleo de práticas do Dedu concordaram em iniciar o primeiro semestre de 2024 com uma leitura comum em diferentes disciplinas. Escolhemos uma autora negra e feminista, a bell hooks³. Cada docente poderia escolher qualquer fragmento da obra política e teórica da autora, propondo aos discentes um trabalho de estudo e de atividade escrita, em diálogo com o texto selecionado. Além do combinado, entendemos que outra discussão necessária seria pensar como os próprios graduandos percebem os desafios relacionados ao ato de estudar na universidade. Procurando responder a essa segunda preocupação, mais recortada como das autoras do artigo em tela, pautamos no início do semestre uma leitura de Paulo Freire (1981): “Considerações em torno do ato de estudar”, discussão que nas *artesanias* (Henriques, 2018) do nosso trabalho pedagógico garantimos sua articulação com o texto “Mulheres trabalhando”, de bell hooks (2018), pois para enfrentar os desafios relacionados à escrita da monografia, perceber a importância do ato de estudar e os movimentos que se desdobram nessa ação, para além do ato de ler, revela-se fundamental discutir o perfil de nossos estudantes, considerando as leituras que eles conseguem fazer de si mesmos no espaço universitário.

Freire (1981) discute as questões sobre o ato de estudar no contexto universitário, trazendo indagações sobre estratégias de estudos no movimento de aproximação e de aprofundamento das referências bibliográficas que são mobilizadas em cursos de formação. O autor apresenta indagações sobre a *educação bancária* e provoca os estudantes a dialogarem com os próprios caminhos e descaminhos das experiências de escolarização, às quais historicamente foram submetidos. Evoca reflexões sobre o papel humilde, mas ativo do ato de estudar, para romper com a postura submissa de aceitar, passivamente, as leituras fechadas e apresentadas como verdades absolutas, curvadas em um único contexto, momento histórico e/ou político. No texto estudado Freire convoca graduandos e pesquisadores em formação à atividade intelectual por diferentes estratégias, sendo uma delas pensar como nossos objetos de estudos nos ajudam a nos posicionarmos diante do mundo.

Enquanto hooks (2018) pensa a inserção das mulheres no mercado de trabalho e reflete sobre a importância do movimento feminista nesse ato, a autora, simultaneamente, aborda a questão da ingenuidade do movimento em acreditar que tal ato ajudaria a fraturar as estruturas de poder do patriarcado e que traria liberdade social,

³ Ressaltamos que bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. A autora optou por grafar em letras minúsculas, justificando que em seus livros o mais importante é a substância que eles possuem e não ela. Para bell hooks, as ideias possuem mais valor que nomes, títulos, etc.

política e financeira às mulheres. Seu texto mostra como no modelo capitalista a inserção das mulheres no mercado trouxe um acúmulo de funções sociais, uma vez que agora a sociedade não apenas esperava que elas fossem produtivas economicamente, mas que continuassem acumulando as funções do lar, uma vez que todas as nações que adotam o sistema capitalista não consideram remunerar as mulheres pelos trabalhos que elas fazem ligados aos cuidados com a casa e com os filhos. Afinal, entendem que elas, especialmente as que decidiram ser mãe, nasceram para isso. Não ponderam que o investimento de tempo, de trabalho, de intelectualidade e de afeto no espaço doméstico é a base de recursos humanos de toda uma sociedade.

Tomamos ambos os textos, lidos integralmente em voz alta no espaço da sala de aula, para refletir por meio de rodas de conversas, debates e de atividades de escrita formuladas em roteiros de estudos. A discussão foi potente e recortamos a seguir algumas questões que mais mobilizaram os estudantes. Elas foram elaboradas com o objetivo de trazer indagações propulsoras do ato de estudar por meio do debate e da atividade escrita compartilhada oralmente no espaço da sala de aula:

- a) No seu contexto familiar as mulheres trabalham? Se sim, em que campo atuam? Que tipo de remuneração elas recebem pelo trabalho que exercem? Você considera que a remuneração delas é justa? Justifique seu posicionamento em relação à última questão; b) Você se considera do gênero feminino? Precisa articular trabalho e estudo? Isso é uma tarefa fácil? Consegue dar conta das duas atividades sociais ou uma delas fica em prejuízo? Caso uma delas fique, a qual delas você se dedica menos e porque precisa fazer essa escolha? – Mesmo que você não seja do gênero feminino peço que você se coloque sobre a questão, sobre os desafios que envolvem trabalhar e estudar para as mulheres em nosso país; c) Na sua família qual é a mulher de referência para todo o grupo (conhecimento/força/astúcia/resistência), pela sua história e trajetória no seu contexto familiar. Por que essa mulher é uma referência para o coletivo familiar de vocês? (pode ser alguém *in memoriam*); [...] d) Há espaços específicos destinados aos estudos em sua sociedade? Quais são? Eles são de acesso a toda população?; e) Você conhece lugares incomuns onde práticas de estudos acontecem? Cite alguns, caso conheça dê exemplos de estudos que estejam sendo feitos neles; f) Você gosta de estudar? Por quê? Como você estuda ou como esperam que você estude? g) A universidade te faz gostar de estudar? Justifique sua resposta; h) Qual a relação entre a profissão docente e o ato de estudar?

(Questões dos Roteiros de Estudos do texto de bell hooks e de Paulo Freire).

Tomamos a decisão, no presente trabalho, de não recortar as respostas dos educandos a cada uma das questões. Compartilharemos os diálogos, em semelhança ao ocorrido no espaço da sala de aula, em que as falas dos educandos, organicamente mobilizadas pelas questões dos roteiros de estudos, interações com os colegas e provocações das docentes em salas, apresentavam suas percepções sobre as indagações anteriormente elencadas, registradas inicialmente no caderno de notas das *professoras-pesquisadoras*.

Nosso primeiro movimento de estudo deu-se em diálogo com o ato de estudar, tendo como provocação inicial o texto de Paulo Freire. Na conversa inicial as questões que versam sobre os espaços de estudos não ficaram claras aos estudantes, em especial sobre como ampliar a percepção de que o espaço escolar não é o único

socialmente destinado a práticas de estudo. Interpretamos como preocupante o fato de os graduandos enxergarem apenas as instituições formais de ensino como espaços de estudos. Não se trata apenas de um esclarecimento sobre a (im)possibilidade de enxergarmos: os espaços domésticos, as praças públicas, livrarias, transportes públicos, espaços livres de formação no campo das artes, etc.; referimo-nos a espaços de lazer, trânsito humano e de espera de modo geral, como ambientes que em seus usos e desusos cotidianos (Certeau, 1994) conseguem ter uma estética plástica que permite que as pessoas ressignifiquem seus usos de acordo com suas necessidades, entre elas em atividades de estudo.

Nossa leitura sobre a exclusividade dos estudantes conceberem como espaços de estudos, apenas aqueles que reproduzem e/ou que se conectam diretamente à cultura escolar têm relação com suas trajetórias como estudantes. Ou seja, quando mencionaram que o ato de estudar ocorre em: bibliotecas ou ambientes de cursos técnicos livres em contextos virtuais e presenciais, lembrados por uns sete discentes, em dois grupos cuja composição de cada um era de 34 estudantes. Interpretamos que tal fato corrobora nossa interpretação de que tal recorte fala da própria experiência encarnada deles, em que o ato de estudar e/ou se informar recorrentemente ocorre sob a instrução de alguém, em contextos formais e tradicionais de educação. Isso nos apresenta a invisibilidade de um movimento formativo autônomo dos estudantes (Freire, 1981) e/ou em continuidade às experiências de escolarização que vivenciaram.

Quando o debate se voltou para as experiências acadêmicas vivenciadas exclusivamente na universidade, questões mobilizadas pelo texto de bell hooks (2018) sobre os desafios enfrentados pelo estudante trabalhador foram retomadas na discussão, tanto no turno da manhã quanto, com maior intensidade, no período noturno. Ao articularmos as reinterpretções das discussões propostas por bell hooks (2018) em diálogo com as reflexões de Freire (1981) sobre o ato de estudar em espaços de formação no ensino superior, os estudantes afirmam que não conseguem dedicar-se plenamente aos estudos porque, devido a questões sociais e pessoais, não têm assegurada a condição mais básica das atividades acadêmicas: o tempo e as condições necessárias para o ato de ler. Confirmaram que têm dificuldades de dar conta da carga de leitura obrigatória das disciplinas do curso de Pedagogia, não conseguindo com criticidade se posicionar no campo das ideias das bibliografias pautadas, de modo que não se sentem seguros para se posicionar nos debates e ponderações dos professores. Logo, raramente conseguem ter uma “atitude crítica no estudo” e “diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais ludicamente” (Freire, 1981).

Diante do narrado, percebemos que o ato de estudar para muitos deles é um momento de desespero e de frustração, por não conseguirem tempo de vida de qualidade para se dedicar à formação dentro e fora do espaço universitário. Na roda de debate os estudantes reconheceram que no geral, poucas vezes conseguiram dar conta da leitura inicial. E que, raramente, realizaram releituras dos textos de estudos, para produzir de modo qualitativo notas escritas reflexivas, que apoiaram aprendizagens sobre dimensões da escrita acadêmica, mobilizadas por diálogos autorais com as bibliografias pautadas na formação e outras que depois precisam dinamizar, mais autonomamente, em diálogo com os temas de suas monografias.

Os diálogos das aulas, realizados a partir dos textos de Freire (1981) e bell hooks (2018) reforçam que apesar de reconhecerem a importância e necessidade os estudantes ainda não conseguem se instrumentalizar “para voltar ao texto em condições de entendê-lo”; sabem que “a compreensão de um texto não é algo que se recebe de presente. Exige trabalho paciente de quem por ele se sente problematizado” (Freire, 1981).

O movimento de reflexão que realizamos com os estudantes de Pedagogia nos permite identificar de forma inicial a problemática central dos alunos com as atividades de escrita de suas monografias. Nossa interpretação é de que elas perpassam pelas questões pedagógicas organizativas das dinâmicas de ensino na universidade e a necessidade de elaborar políticas públicas, que qualifiquem as condições de estudo e de permanência dos graduandos no ensino superior.

O CONTEXTO DA LINGUAGEM NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Nesse sentido, nos desafiando a pensar a relação dos estudantes de Pedagogia com a linguagem escrita, gostaríamos de inicialmente em diálogo com Freire entender o que é linguagem. Ele afirma: “a linguagem não é exclusivamente um meio de expressão das impressões que temos diante do mundo. A linguagem é também conhecimento em si. E a linguagem implica a inteligibilidade do mundo que não existe sem a comunicação (Freire, 2015, p. 86).

Podemos, nesse contexto, afirmar que no movimento de debate em sala de aula e com as questões dos roteiros de estudos dos textos mobilizados, os estudantes por meio da oralidade conseguiram criticamente perceber o que vem lhes impossibilitando de fluir na linguagem escrita, a saber: a pouca qualidade nas atividades de estudos das bibliografias pautadas na formação inicial. Há claramente a comunicação da dificuldade de fazer uma leitura exploratória do texto. Ademais, os estudantes não conseguem estabelecer uma intimidade com a atividade de escrita no âmbito acadêmico. Em linhas gerais, o argumento de tais impossibilidades estrutura-se na gestão do tempo, atravessado por questões pessoais e pelas condições impostas aos estudantes que já possuem inserção no mercado de trabalho.

Diante do exposto os estudantes envolvidos nessa discussão afirmam que antes da Graduação vivenciaram uma *educação essencialmente bancária*, com bastante esterilidade crítica no ato de estudar em si e de intimidade com a linguagem escrita como um instrumento de emancipação. Defendemos que o ato de estudar e, consequentemente, o ato de escrever, são centrais à formação docente. Perguntamos: Que *atos-limites* são possíveis de se elaborar para possibilitar a emergência de *inéditos-viáveis* (Freire, 2015), que nos ajudem a desenvolver microações para criar condições de formar um profissional inquieto e ativo para se compor como um *intelectual orgânico* (Gramsci, 1997)?

Apostamos como Departamento de Educação que “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência” (Maar, 1995, p. 5). Assim, ao nosso modo temos acreditado que articular ações entre os professores, cuidar dos debates junto com os estudantes,

garantir nos planejamentos atividades de convite à escrita reflexiva, com devolutivas devidamente qualificadas às produções que eles realizam, podem se traduzir como microações que gestam microrrevoluções na composição de outro perfil de estudante e construção de outra relação com a linguagem escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a dinâmica das produções orais e escritas, compreendemos que o espaço-tempo da formação inicial de professores revela o potencial pedagógico para o desenvolvimento e reconhecimento da validade das múltiplas linguagens para a formação integral dos estudantes.

Nesse sentido, é importante a criação de situações didáticas que favoreçam a composição do ato de estudar e pesquisar na universidade com o compromisso ético-político da mobilização de atos-limite na apreensão dos significantes e significados que são produzidos nos cotidianos e nas relações sociais.

A universidade, fortalecida pelo tripé ensino-pesquisa-extensão, assume um papel social importante no campo educacional, a fim de investigar as experiências docentes e as condições para que os futuros professores possam perceber a dimensão investigativa, criativa e transformadora de suas atuações na educação pública.

A partir das discussões acerca da linguagem como uma estrutura de poder e de sua relação entre o global e o local, apreendemos que o discurso social de outrem é variado e está inserido em uma determinada comunidade linguística e são distintamente percebidas e possuem uma significação social (Bakhtin, 2014).

A dimensão do local, do contexto vivido e percebido pelos estudantes do curso de Pedagogia, nos contextos narrativos orais e escritos analisados, refletem e refratam um determinado comportamento social e cultural, identificáveis em seus posicionamentos diante da análise do curso e no pronunciamento de suas expectativas, sonhos e enfrentamento dos desafios profissionais.

A pedagogia problematizadora e reflexiva proposta por Paulo Freire também foi essencial para percebermos tanto no roteiro de estudos como na cápsula do tempo a criticidade da realidade e a inter-relação entre os graduandos na construção das relações didático-pedagógicas.

Claro, Silva e Portilho (2018) asseveram que a educação freiriana, como um ato de esperar, ocorre pela necessidade ontológica, sob a perspectiva do devir humano no contínuo processo de construção humana. A educação, portanto, é uma prática transformadora e humanizadora, potencializada pela relação dialógica.

Diante do exposto, temos nos comprometido em criar estratégias formativas para enfrentar as situações-limite (Freire, 2015) de nossos estudantes com a linguagem escrita na estética acadêmica. Problema que fica evidente nos estudos feitos pelo nosso Departamento de Educação ao identificar que uma das questões de integralização de curso é o enfrentamento da escrita das monografias. Outra questão, reconhecida por nossos estudantes, aborda a falta de intimidade com a escrita acadêmica ao longo da própria formação. Essa segunda, como já abordado no texto, necessitaria de três ações: a) refletir com o corpo docente os modos de dinamização das disciplinas; b) discutir

com os estudantes as organizações de suas rotinas pessoais; c) pensar políticas institucionais/locais emergentes e lutar por política públicas em contextos mais ampliados que apoiem os estudantes a terem melhores condições de estudo.

Em relação aos três pontos levantados consideramos que o A e o B têm sido pauta de nossas reuniões de Departamento e que vimos avançando gradativamente. Ao longo do texto em tela, já discutimos essa questão, na atividade da cápsula do tempo, temos recortes de fala que mostram os estudantes fluindo na escrita, com força poética, mas também com a preocupação de mobilizar diálogos teóricos, retomamos um recorte antes apresentado: “Tenho esperança de formações para além das teorias. Para não ficar só nas minhas palavras e da professora, trago Paulo Freire: ‘é esperança do verbo esperar não é esperança e espera’. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar e não desistir!” (Estudante A-1, grifos da autora). Como se pode constatar, estudantes vêm ousando na produção escrita em diálogo com a teoria, a partir de uma das atividades planejadas, que convidava os graduandos a promover diálogos entre prática-teoria. Defendemos que esses exercícios cotidianos mobilizados em diferentes disciplinas apoiam os discentes a terem intimidade com a escrita acadêmica.

Quanto ao ponto C que versa sobre políticas em nosso contexto universitário e o deslocamento para uma discussão maior com o movimento estudantil em nosso país, ainda é utopia, mas é pauta de nossos diálogos.

A busca pela dimensão teórico-prática em nossos cotidianos de educadoras universitárias nos permitiu adentrar em questões mais profundas da formação dos pedagogos e pedagogas, compreendendo que a totalidade das relações é implícita nas investigações temáticas e as mediações que estabelecemos a partir delas nos asseguram um planejamento coletivo mais próximo da realidade de nossos educandos e educandas.

REFERÊNCIAS

- BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.
- CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CLARO, A. L. de; SILVA, L. B. B. da; PORTILHO, E. M. L. Prática educativa: reflexão do professor na perspectiva freiriana no contexto da pandemia. *Revista Contexto & Educação*, v. 37, n. 116, p. 76-89, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.116.12670>
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Moderna, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 9-12.
- GARCIA, Regina Leite. Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: GARCIA, Regina Leite. *Para quem pesquisamos: para quem escrevemos – o impasse dos intelectuais*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- HENRIQUES, Eda Maria de Oliveira. Dimensões subjetivas, sociais e formativas do aporte (auto) biográfico em educação: alguns aspectos epistemológicos e metodológico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 8., 2018, São Paulo. Anais [...]. São Paulo, SP, 2018. p. 1-14.

- HOOKS, Bell. *Feminismo é para todos: polaridades arrebatadoras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de l'ave quotidienne*. Vol. I.: Introduction. Paris: L'Arche, 1958.
- LEFEBVRE, Henri. *Vers le cybernanthrope, contre les tecnocrates*. Paris: Denoel-Gonthier, 1971.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2015.
- MAAR, Leo. Prefácio de Wolfgang Leo Maar. In: ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.
- RODRIGUES, Débora Marques; SANTOS, Sonia Regina Mendes dos. Práticas interativas: caminho para a constituição da docência. In: SOBREIRA, Henrique Garcia (org.). *Educação, cultura e comunicação nas periferias urbanas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p. 99-116.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1978.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHREDER, C.; FRISON, M. D. O uso da linguagem escrita como representação do pensamento: trajetórias infantis. *Revista Contexto & Educação*, v. 39, n. 121, e13750, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2024.121.13750>
- SILVA, Claudia Sebastiana Rosa da; PORTILHO, Evelise Maria Labatut. Cultura escolar, formação continuada e estratégias de ensino. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 911-933, jul./set. 2018. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/28544>.

Autor correspondente

Adriana de Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj.

R. São Francisco Xavier, 524 – Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, Brasil. CEP 20550-013

adryanaalmeida@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

